

ARQUÉTIPO: A UTOPIA COMO HORIZONTE

ENTREVISTA COM GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

gom@cnc.pt

Fundação Calouste Gulbenkian

ANA TERESA PEIXINHO

ana.cristo@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4533-7921>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_10

Texto recebido em / Text submitted on: 12/10/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 13/02/2020

Biblos. Número 6, 2020 • 3.^a Série

pp. 201-212

O exercício de apresentar o vasto *curriculum* de Guilherme d'Oliveira Martins será sempre redutor e parcelar, dada a impressionante dimensão de funções, cargos, experiências e prêmios. A página da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) (<https://gulbenkian.pt/> — consultado a 09-09-2019) expõe a súpula dos cargos públicos que tem ocupado ao longo das últimas quatro décadas, bem como das distinções com que tem sido agraciado. É admirável a diversidade e relevância dos papéis que tem desempenhado em organismos nacionais e internacionais. Destaque-se apenas aqueles que dialogam de modo mais direto com a cultura, as artes, a educação: Presidente do Steering Committee do Conselho da Europa, que elaborou a Convenção de Faro sobre o valor do Património Cultural na sociedade contemporânea (2005); Presidente do Centro Nacional de Cultura (2002-2016); Presidente do Grande Conselho / Conselho das Artes do Centro Nacional de Cultura; Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; Membro efetivo da Academia de Marinha; Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História. Cumulativamente, é professor catedrático convidado da Universidade Lusíada de Lisboa e do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.

Desde novembro de 2015, Oliveira Martins é administrador executivo da FCG e foi precisamente no gabinete que ocupa na Fundação que nos recebeu. Um espaço cheio de luz e forrado a livros. Muitos livros. Nas estantes da parede, na mesa de trabalho. O espaço de um humanista, para quem a leitura e o livro têm um lugar especial. Homem de uma erudição assinalável, exímio comunicador, movimenta-se com à-vontade por mil referências e mil leituras, fala de temas variados e dá a conhecer mundos muito diversificados. Cativam-nos a clareza do discurso, a elasticidade do pensamento, a atualidade dos assuntos. Foi assim que decorreu esta conversa, partindo do mote “arquétipos”, no ano em que se comemora a efeméride dos 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian, o “arquiteto de empreendimentos” (<https://gulbenkian.pt/quemecalouste/quem-e-calouste/> — consulta a 09-09-2019), patrono da Fundação.

“Deve haver, no mais pequeno poema de um poeta, qualquer coisa por onde se note que existiu Homero”. Estas são palavras de Ricardo Reis que reconhecem que todo e qualquer ato criativo implica um diálogo com o que o precedeu: fonte, modelo, influência.

Arquétipo: nome masculino, etimologicamente derivado de dois radicais gregos, que, segundo o dicionário, significa “modelo pelo qual se faz obra material ou intelectual” (<https://dicionario.priberam.org/arqu%C3%A9tipo> — consulta a 09-09-2019). Conceito essencial na filosofia platônica, resgatado no início do século passado para a psicologia por Carl Jung, também relevante na antropologia e na crítica literária. Independentemente do uso, do enquadramento epistemológico ou do alcance, arquétipo é o “padrão supremo das cópias”, a partir do qual nascem ideias, obras, objetos, figuras. Imagem primordial, âncora ancestral, o arquétipo contém o ADN de identidades, de culturas, de valores; dialoga com todas as artes, com a ciência, com o conhecimento; é marca de água de grandes narrativas fundacionais e de histórias populares, lendas, mitos e *fait divers*; está presente em todos os gêneros, em todos os *media* e em todas as linguagens.

De Pico della Mirandola a T. S. Eliot; de Thomas Morus a Saint Just; de Duarte Pacheco Pereira a Eduardo Lourenço; do Velho do Restelo a Tintim; de Mário Cláudio a Afonso Cruz. Escritores e pensadores; personagens e figuras; passado e presente; gêneros e linguagens. Tudo a partir do conceito de arquétipo: a entrevista a Guilherme d’Oliveira Martins conduz-nos numa viagem pelas bases da cultura ocidental, sempre com a utopia como horizonte.

Biblos: Num tempo em que se vive uma das maiores acelerações tecnológicas que a humanidade conheceu, com visíveis impactos em todos os ângulos das nossas vidas, nomeadamente o apagamento da memória e a imposição de uma cultura do descartável e do substituível, parecerá uma anacronia uma conversa sobre arquétipo(s). Porém, se o arquétipo pode ser “um paradigma de organização das coisas” e, conseqüentemente, uma via ancestral de acesso ao conhecimento, pergunto-lhe se hoje ainda faz sentido falar de arquétipo(s).

Guilherme d’Oliveira Martins: Faz sempre sentido, uma vez que não há vida, não há mundo sem ideias. Naturalmente que, ao falar de arquétipos, nós falamos da referência a ideias. O grande arquétipo da sociedade ocidental é a *Utopia* de Thomas Morus, muito mais do que a obra de Platão, ainda que obviamente esta seja uma referência. O arquétipo fundamental, porém, é a *Utopia* de Thomas Morus que não pode ser vista como um modelo fechado, mas sim como um horizonte de referência.

Falar de arquétipos, de ideias, é falar de horizontes de referência. Por isso, não podemos esquecer o ensinamento do nosso maior ensaísta contemporâneo, Eduardo Lourenço, quando introduz um elemento fundamental que é o sentido crítico: a importância das ideias e o sentido crítico. Também não podemos esquecer a utopia, não podemos esquecer os arquétipos, mas devemos garantir que esses horizontes são horizontes de perfectibilidade.

A sociedade é imperfeita, a democracia é imperfeita. Ora, ao falar de um arquétipo, e por isso introduzo o arquétipo da sociedade moderna que continua a ser a utopia, eu insisto num ponto essencial: é que, sendo a sociedade imperfeita e sendo a democracia por definição o regime da imperfeição, é, no entanto, o regime da exigência crítica, é o regime que nos obriga permanentemente a lidar com a diversidade, com a incerteza. Por isso, Thomas Morus nos diz que a descrição que faz, a partir do que o navegador português Rafael Hitlodeu exprimiu, é uma hipótese de organização da sociedade.

Pelo contrário, quando nos reportamos, na história ocidental, à experiência terrível do *Terror* na Revolução Francesa (que não se resume ao Terror, note-se), nós temos a ideia da perfeição, de uma sociedade perfeita. Saint-Just dizia que só os justos têm direito a liderar as sociedades, a governá-las: o resultado disso foi, como se sabe, a guilhotina. Saint-Just e todos os promotores desta ideia acabaram na guilhotina. Ora, Chesterton dizia que a grande força da democracia é “a possibilidade de contar cabeças e não a de cortar cabeças”.

Biblos: Sim, claro!

Guilherme d'Oliveira Martins: Isto é muito importante. Se nós consideramos o arquétipo como algo fechado, arriscamo-nos a cair na tentação de “cortar cabeças e não de contar cabeças”. E julgo que esta é uma questão fundamental. Quando Winston Churchill diz que “a democracia é o pior dos regimes à exceção de todos os outros” é uma contradição nos termos. Porém, é uma boa contradição nos termos porque significa que não há democracia perfeita. Mas, sem ela, nós não atingimos a melhoria, a perfectibilidade. Não a perfeição. O nosso objetivo é a perfectibilidade: sermos melhores.

Estou aqui na FCG, cujo fundador, o senhor Gulbenkian, tinha como lema *only the best, only the very best*. Ou seja, é um horizonte, uma obrigação que temos, uma responsabilidade: fazer melhor, sermos melhores, mas não ter a tentação de dizer “atingimos tudo, atingimos a perfeição”. Não é isso a utopia.

Biblos: Nessa busca pela perfectibilidade, nessa construção do conhecimento a partir de modelos primordiais, de arquétipos, qual o papel das artes e das Humanidades? Qual o seu papel na construção de sociedades tendencialmente mais justas, mais verdadeiras, mais belas? Como redutos essenciais que ensinam a ler e a construir o mundo, a ter sentido crítico? A arte, a filosofia, a literatura, a história, o cinema, o teatro, a música, etc. são manifestações e linguagens que, além de dizerem o seu tempo, ecoam tempos, linguagens e modelos passados. São, digamos, repositórios de arquétipos fundamentais, mas simultaneamente formas de os superar, rever e reconstruir... Concorda com esta ideia?

Guilherme d'Oliveira Martins: Não é possível construirmos uma sociedade melhor sem valorizar a cultura, a educação e a ciência. T. S. Eliot tem um poema bem conhecido, em que nos diz quanto conhecimento perdemos na informação, quanta sabedoria perdemos no conhecimento¹. Ou seja, nós precisamos das Humanidades, sobretudo num momento extraordinário de transformação, nos vários domínios. Quando lemos Pico della Mirandola, que é uma referência bem conhecida desse espírito humanista, nós percebemos que as Humanidades envolvem o diálogo, o sentido crítico e não são apenas a literatura ou as artes.

As investigações mais recentes no domínio das neurociências ensinam-nos que, no desenvolvimento humano, e estamos a falar da criança ainda dentro da barriga da mãe, a partir dos três meses de gestação, já está apta para ouvir música. O sentido da audição é o primeiro dos sentidos. Isto é extraordinariamente importante. Nas experiências que são feitas, aquele pequeno feijãozinho dentro da barriga da mãe salta quando há um barulho estranho cá fora. E deixa-se adormecer ao ouvir a

¹ Referência a dois versos do texto *The Rock* (1934) de T. S. Eliot (Where is the wisdom we have lost in knowledge? / Where is the knowledge we have lost in information?).

música que a mãe ouve. Simultaneamente, conhece desde muito cedo a voz da própria mãe.

Isto é muito importante porque, quando a Igreja reformada luterana na Noruega decidiu que todas as mulheres deviam ser alfabetizadas antes de se casarem, levou a que, em duas gerações, a Noruega tenha sido o primeiro país do mundo a erradicar o analfabetismo. Porquê? Porque se verificou que a mãe alfabetizada transmite naturalmente aos seus filhos e às suas filhas o conhecimento do mundo.

Este é um conhecimento extraordinariamente importante. Nas andanças que tive pela UNESCO², nos anos 80, quando lançámos o projeto “Educação para Todos”, considerámos que, em primeiro lugar, deveríamos cuidar da mulher. E quantas zonas do globo ainda não garantem a alfabetização das mulheres! No entanto, o filho ou filha de um homem alfabetizado pode ser analfabeto. O filho ou a filha de uma mulher alfabetizada não será analfabeto/a.

Biblos: Esse é um aspeto muito interessante...

Guilherme d'Oliveira Martins: Tem a ver exatamente com esta ideia da transmissão. E também com a relação que temos de estabelecer entre as Humanidades — que, sublinho, não são só literatura, são ciência, matemática. Lembremos o *Trivium* e o *Quadrivium*: vemos que já aí a literatura está ligada à música, à matemática. Sophia de Mello Breyner, um belo dia, disse que uma escola precisa de poesia, de música e de ginástica. O jornalista que a entrevistava ficou surpreso com a ausência de algumas matérias e perguntou pela matemática... Foi esta interpelação que a agastou mais! Sophia respondeu, então, com perguntas: como é possível distinguir um alexandrino de uma redondilha sem saber matemática? Como ler uma pauta de música sem conhecer os números?

Por isso o *Trivium* e o *Quadrivium* ligam as artes. Ligam as letras. Ligam o conhecimento. As novas Humanidades significam isto mesmo. Tomar consciência

² Guilherme d'Oliveira Martins foi Vice-Presidente da Comissão Nacional da UNESCO (1988-1994).

do que T. S. Eliot dizia: é preciso transformar a informação em conhecimento e este em sabedoria. Ora, a sabedoria faz-se com experiência, faz-se com o exemplo. Tantas vezes lemos mal aquilo que é a referência de Camões ao Velho do Restelo!

Biblos: De facto, essa personagem e o episódio que protagoniza são muitas vezes utilizados como metáfora pejorativa, portadora de conservadorismo...

Guilherme d'Oliveira Martins: Pois, mas não é. E é o próprio Camões que no-lo diz. Que diz que aquele “velho de aspeito venerando” tem um “saber só de experiências feito”. Ora, o poeta elogia a personagem deste modo, reconhecendo que não podemos deixar de a ouvir. É preciso ver que Camões está nos anos 70 do século XVI e Duarte Pacheco Pereira, no *Esmeraldo de situ orbis*, escreveu justamente a importância do saber de experiências feito. Pois bem, mas o grande esquecimento relativamente ao Velho do Restelo é exatamente o do seu discurso.

Este é para mais um discurso atualíssimo. “Ó glória de mandar! Ó vã cobiça!” Estamos no domínio da imperfeição: a sociedade é imperfeita, os homens são imperfeitos, a carne é fraca. É, porém, indispensável nós prevenirmos. Aquele é, portanto, um discurso de prevenção, não é de todo um discurso negativo. Claro que há uma leitura simplista, mas os melhores exegetas de Camões sabem que o Velho do Restelo é uma referência fundamental. É a compreensão exata de que o verdadeiro arquétipo é o da melhor vida, o da exigência e o do rigor.

Biblos: Mesmo entendendo o arquétipo fundador como a utopia de uma sociedade melhor, ele é sempre modelo fundacional. E, como tal, parece conter, além de dinâmicas de evolução e conhecimento, forças de conservadorismo, atrito, podendo contribuir para a perpetuação de ideias, valores, estereótipos. Dito de outro modo, o arquétipo não tem apenas uma face solar...

Guilherme d'Oliveira Martins: Tem uma face solar e uma face lunar, estamos sempre perante Apolo e Dionísio. A sociedade é isso mesmo: a coexistência de elementos que se completam. Eu não diria contraditórios, prefiro entendê-los como complementares. Edgar Morin tem insistido na necessidade de compreendermos o mundo através da complexidade e não nos deixarmos arrastar pelo erro

como fatalidade, mas sim como exigência. Este ponto é particularmente importante. Uma sociedade que não tem consciência dos erros é uma sociedade acrítica. E, falando nos arquétipos, temos de ir ao encontro da compreensão do mundo, do conhecimento do mundo através de um caminho. Um caminho que pode pressupor a queda e o progresso. Para tal, a consciência do erro é fundamental...

Biblos: Erro como forma de aprendizagem e de superação?

Guilherme d'Oliveira Martins: Sim. A recente crise financeira de 2008 foi uma crise de ilusão, em que as economias mundiais julgaram que, pondo a moeda a circular mais rapidamente, criavam mais riqueza. E não estamos a criar riqueza.

Biblos: Pois não. E como se cria riqueza?

Guilherme d'Oliveira Martins: Através da inovação. E como se tem inovação? Através da valorização das ideias. Esta questão é crucial. Por isso é que esse conceito dinâmico de Humanidades é essencial. Há dias em Paris, a propósito do ano que celebrámos em 2018, o Ano Europeu do Património Cultural, recordei esse aspeto: a noção de património cultural é uma noção dinâmica. Não de passado, mas do presente projetado no futuro. Essa é a referência: a memória... um país sem memória é um país decadente, que perde referências. Mas temos de nos precaver relativamente à tentação de olhar as identidades culturais ou nacionais como autossuficientes.

Biblos: O tema das identidades é bastante complexo e tem sido apropriado por diversos campos das Ciências Sociais e das Humanidades.

Guilherme d'Oliveira Martins: Eu costumo dizer que o estudo das identidades tem de ser sempre muito cauteloso. Assim como os químicos, nos laboratórios, lidam com matéria perigosa, pois, para a conhecerem melhor, têm de lidar com ela. O professor José Mattoso, melhor do que ninguém, vem dizer-nos que a noção de identidade é importante desde que seja uma noção aberta, capaz de receber outros contributos.

A cultura portuguesa nesse aspeto é paradigmática. É uma cultura que sempre se enriqueceu, ao longo do tempo, ao receber diferentes contributos, a partir de um *melting pot* original e, depois, através desta aventura pelo mundo, que nós temos de ver com toda a cautela. Olhando o positivo e o negativo. Olhando o claro e o escuro. Isto é indispensável. Mas, sobretudo, perceber algo de absolutamente extraordinário: esta aventura de ir ao encontro do outro e do diferente. E a percepção exata de que o outro é a outra metade de nós. Este é o grande arquétipo que temos de admitir: de que o outro, o diferente, é a outra metade de nós. Uma sociedade que se fecha sobre si mesma, uma identidade que se fecha sobre si torna-se egoísta, medrosa e, afinal, cria uma situação redutora e perniciosa.

Biblos: Nos nossos dias, em que a viagem é algo que se banalizou no nosso quotidiano, em que as distâncias físicas se reduziram consideravelmente, num presente em que estamos todos cada vez mais conectados, começam a surgir, paradoxalmente, em diversos cantos do globo, inclusive na Europa, movimentos de intolerância, de ódio ao diferente...

Guilherme d'Oliveira Martins: Sim, é verdade. Mas esse movimento, essa aventura, essa viagem são aspetos globalmente positivos. A noção de uma identidade fechada sobre si é uma noção pobre e é redutora. Mas a verdade é que há uma tendência, que envolve uma contradição. É verdade que viajamos, vamos ao encontro de novos lugares, mas, muitas vezes, mudamos de país, mas não mudamos de hotel....

Biblos: Hotéis iguais, as mesmas pessoas, os mesmos hábitos. Não saímos da nossa zona de conforto. Do conhecido.

Guilherme d'Oliveira Martins: Precisamente, saímos para a mesma realidade. Na prática, essa é uma tendência uniformizadora e, a meu ver, empobrecedora. Pelo contrário, é indispensável compreendermos que, ao ir ao encontro do outro, temos de conhecer muito bem o outro. Fala-se muito, e bem, no diálogo entre religiões. Hans Küng costuma dizer que só haverá paz entre as nações, se houver paz entre as religiões. Não há diálogo inter-religioso, se não se estudar a religião do outro. Quem diz religião, diz a cultura. Este é apenas um exemplo interessante e

que parte desta afirmação com a qual eu concordo inteiramente: não há paz entre as nações, se não houver paz entre as religiões.

Isto tem a ver com uma tendência uniformizadora, andamos muitos milhares de quilômetros, muitas vezes para ir para um hotel igualzinho ao de casa. E muitas vezes temos o comodismo de não ir ao encontro da compreensão do outro. Temos tantas vezes medo do outro, medo do diferente. E essa é uma contradição compreensível. Não devemos recusá-la, antes partir dela para retirar consequências positivas e perceber o que é diferente, conhecer o que é diferente. Por isso, invoquei o diálogo entre religiões. Não posso dialogar com um muçulmano se não souber a essência do Islão. Não posso debater com um hindu se eu não compreender a raiz do Hinduísmo. Porém, muitas vezes existe facilitismo, porque, com referências demasiado simplistas e superficiais, julgamos que podemos debater tudo.

Biblos: Precisamente esse facilitismo e superficialidade parecem fazer parte de uma cultura instalada no espaço público atualmente: hoje as pessoas têm acesso a demasiada informação, nem sempre fidedigna; por outro lado, como disse há pouco, citando T. S. Eliot, informação não é sinónimo de conhecimento; lê-se muitas vezes “alto e à pressa”, não já no rumor das ruas, como dizia Eça, mas na Babel da rede.

Guilherme d'Oliveira Martins: Por isso temos o perigo da manipulação. Veja-se que a tecnologia permitiria que pudéssemos ser consultados, momento a momento, sobre as mais importantes decisões da sociedade. No entanto, estas precisam de tempo e de reflexão. Há algum tempo, um amigo anglo-saxónico contava que, no seu conselho de administração, nunca se tomava uma decisão após o debate: dormem sempre sobre o assunto. E eu recordei que essa é uma máxima popular portuguesa. O nosso povo diz “vamos dormir sobre o assunto”. Esta imagem é dar tempo ao tempo, para haver amadurecimento, para se pensarem as coisas, porque tantas vezes temos a tentação de sermos imediatistas — o que é normal, pois a tecnologia é para aí que aponta. Porém, não é bom conselho.

Biblos: Creio que hoje é cada vez mais difícil conviver com o silêncio e com momentos de pausa e de reflexão...

Guilherme d'Oliveira Martins: Eu prefiro ver a questão pela positiva: precisamos de tempo e de reflexão.

Biblos: Uma das formas de compreender o enraizamento cultural do(s) arquétipo(s) é olhar para os objetos da cultura de massas. Heróis de séries televisivas, mitos urbanos ou narrativas folclóricas, telenovelas ou *reality shows* reiteram, afinal, modelos primordiais de origem ancestral. Gostaria de terminar esta conversa, que nos levou por autores, textos e temas tão diversos, com uma forma de arte que sei que aprecia: a banda desenhada. Se o Doutor Guilherme d'Oliveira Martins tivesse de escolher um herói de banda desenhada, qual escolheria? E porquê?

Guilherme d'Oliveira Martins: É difícil escolher um. Felizmente há muitos. Mas obviamente que não escondo que posso escolher duas figuras extraordinariamente diferentes. Uma é o Tintim, referência antiga, remota... quem é, que idade tem? Mas, simultaneamente, nós vemos que é alguém que tem mil aventuras. Aliás, no cinema, quando vimos os filmes do *Indiana Jones*, percebemos que havia alguns episódios, algumas citações que dialogavam com o herói de Hergé.

Por outro lado, em termos de uma reflexão mais maturada, temos o Corto Maltese. E é curioso referi-lo, porque um grande romancista português, o Mário Cláudio, num dos seus últimos livros, fez-nos descobrir imaginosamente uma ascendência portuguesa para o Corto Maltese. Claro que ele não a terá... pelo menos aquela que Mário Cláudio lhe atribui, mas, de qualquer modo, tem esse elemento que nos é familiar... o mar, a ligação ao mar.

A banda desenhada é, no fundo, uma arte muito ligada ao cinema e à literatura. Vive dessas linguagens. Portugal teve um papel muito importante na história desta arte na Europa. Temos grandes figuras que não podem ser esquecidas. Porém, temos justamente a ligação da literatura, da pintura e desenho, do cinema. Há, portanto, aqui, um conjunto de elementos muito interessantes que levam hoje nomes maiores a cultivarem a história de quadradinhos, para usar a expressão portuguesa. Um autor como Afonso Cruz, que liga à escrita, permanentemente, a sua própria experiência de desenhador, ou Patrícia Portela, para referir dois autores da mais recente geração. Poderia dar outros exemplos, mas estes são de facto cultores do romance gráfico, que já não é (só) banda desenhada... Estes são dois

exemplos de que muito gosto e onde há essa ligação, esse diálogo entre a escrita e a ilustração. Verdadeiramente, se virmos, ao longo do tempo, há muito essa ligação... encontramos-la já na Idade Média, nas artes em vários domínios... Trata-se, a meu ver, de uma arte que engloba vários ingredientes que nos enchem de contentamento.

ENTREVISTA CONDUZIDA E EDITADA POR ANA TERESA PEIXINHO